



## COGNIÇÃO E ESPIRITUALIDADE: O PAPEL DA FIGURATIVIDADE EM UM TEXTO RITUALÍSTICO DE DOCTRINAÇÃO DE ESPÍRITOS SOFREDORES



## COGNITION AND SPIRITUALITY: THE ROLE OF FIGURATIVITY IN A RITUALISTIC TEXT FOR THE DOCTRINATION OF SUFFERING SPIRITS

Bruno de Jesus Espírito SANTO  
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 10/04/2019 • APROVADO EM 06/11/2019

---

### Resumo

---

Este trabalho busca, ao unir os aportes teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva com os da Linguística Textual e ao perceber o valor histórico dos contatos do homem com a espiritualidade, refletir sobre como os membros de uma doutrina religiosa espiritualista criada no Brasil, intitulada *Vale do Amanhecer*, conceptualizam e tecem cognitivo-discursivamente o texto multimodal (verbal e gestual) responsável pela libertação de espíritos sofredores no ritual de mesa evangélica por meio de metáforas como: DOCTRINA RELIGIOSA É UM PRONTO SOCORRO, JESUS É A LUZ, SER HUMANO É UM ANIMAL, DEUS É UM AUXILIADOR, AMOR É UM REMÉDIO, PERDÃO É UM REMÉDIO, CORPO É UM RECIPIENTE e ESPÍRITOS SOFREDORES SÃO SUBSTÂNCIAS IMPURAS, a fim de obter a intencionalidade discursiva almejada: a elevação espiritual de entidades que estão presas na escuridão. Tal análise, além de reconhecer o papel das práticas religiosas para o surgimento de significações linguísticas particulares (averiguando como a figuratividade, a saber: a metáfora e os esquemas imagéticos, como enquadres de

constituição textual, atuam potencialmente na construção argumentativa do texto ritualístico em questão, promovendo o aparecimento dos critérios de textualização), se insere, tanto na atual fase social da Linguística Cognitiva, que pondera em suas análises sobre os sujeitos e o universo que os caracterizam como seres imersos em suas comunidades culturais, bem como no período sociocognitivo-interacionista da Linguística Textual, que visualiza e pauta o texto em seus diagnósticos como um processo que envolve diversos fatores como os neuropsicolinguísticos e corporais em sua arquitetura.

---

## Abstract

---

This research paper, for one of the main methodological theorists of Cognitive Linguistics with those of Textual Linguistics and for the historical value of a man's contacts with spirituality, reflects on how the members of a spiritual religious doctrine created in Brazil, entitled *Vale do Amanhecer*, conceptualize and cognitively discursively weave the multimodal text (verbal e gestural) responsible for the liberation of suffering spirits without evangelical ritual such as: RELIGIOUS DOCTRINE IS A EMERGENCY ROOM, JESUS IS LIGHT, HUMAN IS AN ANIMAL, GOD IS A HELPER, LOVE IS A REMEDY, FORGIVEN IS A REMEDY, BODY IS A CONTAINER, and SUFFERING SPIRITS ARE IMPURES SUBSTANCES, an end to achieve a desired discursive intentionality: a spiritual approach of individuals who are trapped in darkness. Such analysis, in addition to the recognition or role of religious practices for the emergence of particular linguistic meanings (such as a figuration, a saber: a metaphor, and imaginary schemes as configurations of textual constitution, potentially act in the argumentative construction of the ritualistic text in question, promoting or appearing textualization criteria), if any, in both the current social phase of Cognitive Linguistics, which considers their analysis of individuals and the universe that characterizes them as beings immersed in their cultural communities, as well as in the socio-interactionist period of Textual Linguistics, which visualizes and guides or text in its diagnoses as a process that involves several factors such as neuropsycholinguistics and companies in their architecture.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Cognitiva. Linguística Textual. *Vale do Amanhecer*. Texto religioso multimodal.

**KEYWORDS:** Cognitive Linguistics. Textual Linguistics. *Vale do Amanhecer*. Multimodal religious text.

---

## Texto integral

---

Muito se fala, na atualidade, sobre a importância das práticas religiosas como práticas culturais que atendem a vontade humana de dar um salto superior à sua própria realidade como matéria (BELOTTI, 2004), entretanto muito pouco se diz sobre como fatores biológicos, sociocognitivos, psicoafetivos, sensório-motores, corporais, socioculturais e neurológicos, por exemplo, estão guiando a organização de sentidos dos discursos que permeiam os rituais de tais ações. Alguns trabalhos, como os de Leme (2003), Martins (2011) e Santo & Pereira (2018), evocaram reflexões relevantes sobre essa temática, impulsionando outros pesquisadores a continuarem averiguando como se caracteriza o universo textual presente nas ações culturais ritualísticas religiosas.

No que tange aos estudos da ciência linguística no espiritualismo, escassos são os estudos que tangem análises sobre como os contatos do homem com a espiritualidade causam impactos em seu sistema conceitual, psíquico-cognitivo, e conseqüentemente, linguístico e sociocultural, o que tornam essas análises, ao se perceber que as correntes doutrinárias espiritualistas têm crescido e se disseminado em várias sociedades ao redor do globo, inclusive no Brasil (WULFHORST, 2004), necessárias para a compreensão de como se processam e se dão sociocognitivamente e psiconeurolinguisticamente as interações dos sujeitos humanos com entidades espirituais.

Dessa maneira, observando a importância deste tipo de averiguação, este trabalho busca, por meio da aliança dos construtos teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva — mais especificamente pela Teoria da Metáfora Conceptual e seus desdobramentos (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999; LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; KÖVECSSES, 2005, 2015; VEREZA, 2007, 2010, 2013; STEEN, 2007; AVELAR, 2016; MORATO, 2017; SOARES DA SILVA & LEITE, 2015; entre outros) — com os da Linguística Textual (KOCH, 2002, 2004; BENTES, 2001, 2017; MARCUSCHI, 2001, 2007; MONDADA & DUBOIS, 2003, entre outros), refletir, através do levantamento dos construtos sociocognitivos e dos princípios textuais que configuram a estruturação dos discursos verbal e não verbal (ou seja, multimodal) presentes em um ritual de libertação de espíritos sofrendores realizado na doutrina espiritualista brasileira *Vale do Amanhecer* (GALINKIN, 2008), sobre o caráter processual da construção textual, que tange também, na atual fase de pesquisa da Linguística Textual, além do co-texto, os processos ancorados pelo oceano de motivações (SALOMÃO, 2010) no qual os seres sociais estão imergidos — fatores biológicos, culturais, cognitivos (incluindo a cognição linguística), sociais, intersubjetivos, corporais, psicoafetivos, entre outros (MORATO, 2017) —, bem como ponderar acerca do papel da figuratividade, arquitetada pelos aspectos citados, na edificação do sentido no discurso a ser observado.

Além disso, a discussão proposta por este trabalho também contempla a ideia de que fenômenos sociocognitivos, linguísticos, culturais e contextuais (global e local) são ativados online (MORATO, 2017; VEREZA, 2013) não só para que a intencionalidade discursiva do evento religioso supracitado (libertar os espíritos que estão sofrendo) seja almejada, como também para que o tecido textual seja “costurado” de forma a conceber seus critérios e princípios de textualização, tais quais: *a coesão e coerência, a intertextualidade, a focalização e o conhecimento compartilhado* (KOCH, 2004).

## **1 O Vale do Amanhecer: a doutrina espiritualista nascida no Distrito Federal que conquistou milhares de brasileiros e até estratos de outros países do mundo**

O espiritualismo, segundo Wulffhost (2004), abrange muitos significados atualmente, sendo consideradas dentro desse quadro religioso as múltiplas concepções relacionadas a espíritos ou a um poder sobrenatural e divino que vitaliza o corpo humano, toda a natureza e o cosmo, ou seja, seriam doutrinas religiosas que acreditam na junção ou na pluralidade de crenças no manuseio

simbólico das práticas da fé. No caso da corrente religiosa que será estudada neste trabalho, foi com inspiração na tradição cristã — o catolicismo, bem como em adendos novos a ela, tal qual o espiritismo de Allan Kardec —, assim também com o abraço de traços religiosos da cultura egípcia e indígena que o Vale do Amanhecer surgiu em 1959.

A partir de visões que a caminhoneira brasileira Neiva Chaves Zelaya (ou mais carinhosamente Tia Neiva pelos membros de sua corporação religiosa) vinha tendo, desde 1925, com o espírito de São Francisco de Assis (ou Pai Seta-Branca, representação espírita de Assis no Vale), o Vale do Amanhecer foi idealizado. Segundo a clarividente, essa entidade espiritual, famosa também no catolicismo, pedia a ela para que implantasse a doutrina do Amanhecer, na cidade de Planaltina, no Distrito Federal, a fim de que seus os trabalhos de desobsessão espiritual fossem desenvolvidos com o intuito de ajudar as pessoas que os procurassem, no que tange aos mais variados assuntos da vida cotidiana. Conscientizando-se de que o seu karma espiritual tinha como planejamento essa missão, Neiva, após o suporte de diversos espíritos de luz, tais quais o Caboclo Pena Branca, a Mãe Yara, entre outros, implementou a primeira casa do Amanhecer, que, sendo o templo-sede desde então, e obtendo a adesão das pessoas que viviam ao seu redor, bem como de outros indivíduos que conheciam as manifestações espirituais que ali aconteciam, criou uma cidade espiritual onde há, atualmente, mais de 50 mil médiuns vivendo ao entorno do templo. Promovendo a cura desobsessiva e o alívio de dores diversas através de trabalhos como os tronos vermelhos, a junção, a defumação e o passe magnético, esse grupo religioso tornou-se conhecido no país, desenvolvendo-se e difundindo-se de maneira tão espetacular, que hoje há, além do Templo-Mãe, cerca de 800 casas do amanhecer ao longo de todo o território brasileiro, e até templos presentes fora do país, a exemplo de Portugal, Inglaterra e Estados Unidos (GALINKIN, 2008).

Com uma simbologia significativa, seus visitantes costumam se impressionar com a riqueza de detalhes presente no interior dos templos do Amanhecer, onde há desde lembranças a mitologia cristã, tal como a cruz e a estátua de Jesus Cristo, a objetos que remetem à natureza, tal como a imagem do sol e da lua e instrumentais que remetem ao som do movimento das águas nos rios e o canto dos pássaros. É necessário informar que cada templo é coordenado por uma entidade espiritual e o seu adjunto, que seria, no caso, o presidente da casa. Dessa forma, as casas do amanhecer são intituladas e identificadas pelo nome da entidade de luz responsável pelo seu funcionamento (GALINKIN, 2008).

**Figura 1** – Entrada do Templo-Mãe do Vale do Amanhecer no Distrito Federal



Fonte: Google Imagens.

Vale ressaltar que, por ser brasileira e valorizar muito a relação do homem com a natureza, e as curas e benefícios que essa interação pode trazer, o Vale do Amanhecer também mantém relação significativa com a comunidade indígena, havendo também muita invocação, em seus trabalhos de desobsessão espiritual, das entidades espirituais nas quais estes creem, tal como os caboclos e cavaleiros das matas (GALINKIN, 2008). Na Figura 1, é possível ver, dentre as colunas que circundam a entrada do centro, que há uma imagem na haste que simboliza a cultura indígena, tal como os pajés. Além disso, ainda há ligação às religiões egípcias, com menção e invocação das forças e das energias das divindades da mitologia do Antigo Egito.

A sua estruturação interna deve-se, principalmente, pela existência de dois polos de trabalho. Existem os médiuns Doutrinadores e os médiuns Aparás; os Doutrinadores são os indivíduos que, ao terem uma racionalidade mais aguçada, são destinados a doutrinar os espíritos sofredores, bem como auxiliar os espíritos de luz em seus trabalhos de comunicação com os que visitam os templos. Eles são identificados por terem em sua vestimenta uma cruz crística na parte de traz dos seus coletes de trabalho.

Tanto as entidades iluminadas quanto as que precisam de auxílio espiritual chegam via os Aparás, que costumam serem pessoas com um enorme potencial de sensibilidade. Estes, que são sinalizados com um símbolo de triângulo vermelho em seus coletes de trabalho, são os médiuns de incorporação. É através deles que existe a possibilidade de a espiritualidade estar presente na casa, sendo estes indispensáveis para o funcionamento dos templos (GALINKIN, 2008).

**Figura 2** – O símbolo do Apará e do Doutrinador



Fonte: Google Imagens.

Dessa forma, a junção das duas funções — Doutrinador e Apará — é imprescindível para que as energias que chegam nas mais de 800 casas do amanhecer no Brasil sejam manipuladas de forma efetiva.

### **A mesa evangélica**

Um dos trabalhos mais importantes dentro do Vale do Amanhecer é a *mesa evangélica*, pois, ao ser uma atividade destinada estritamente ao auxílio de pessoas que morreram e não aceitaram o seu falecimento, busca, por meio do exercício da doutrinação, persuadir o espírito de que este plano terrestre já não é mais a sua morada, mas sim novos planos espirituais. Essa ramificação espiritualista entende,

assim como o espiritismo, que os espíritos que não aceitam sua partida após o momento de desenlace com o corpo acabam tornando-se seres sem luz, indivíduos que se afogam no ódio, pela contrariedade ao momento que passou. Observada a dor que essas almas sentem, faz-se necessário, ao se colocar como irmãos dessas entidades espirituais, ajudá-las, justificando-se assim a criação de trabalho, instituído nos templos do amanhecer a partir de Tia Neiva (GALINKIN, 2008).

A *mesa evangélica* é arquitetada da seguinte forma: são necessários 17 médiuns ao total, sendo 7 deles os Aparás (de incorporação, que irão receber os espíritos), 7 de doutrinação (os que irão conversar com os irmãos sem luz), mais 3 Doutrinadores que irão se assentar nos lugares denominados como faróis (local onde acredita-se ser um ponto de luz no qual os espíritos sofredores possam chegar), e mais outro irmão Doutrinador para comandar o trabalho. A mesa, em seu caráter estrutural, tem um formato de triângulo, contendo esta ao meio a imagem de Jesus Cristo erguida atrás de um véu branco. Também há velas para iluminar o lugar (O DOUTRINADOR, 2010).

Já o processamento do ritual se dá da seguinte forma: o comandante do trabalho, o médium Doutrinador, sinaliza através do tocar de um sino, que essa atividade está por começar, daí os membros que quiserem participar se acomodam próximo à mesa até que todos os indivíduos suficientes para a realização do feito cheguem. Ao estarem todos, o comandante coloca os sete médiuns de incorporação sentados à mesa, chamando logo após estes últimos sentarem os outros Doutrinadores para que fiquem atrás dos irmãos de doutrina que irão receber as almas que necessitam de auxílio espiritual. Acontecido isso, o coordenador faz uma chave de abertura pedindo que entidades iluminadas protejam e dêem força aos que ali se colocam como auxiliares, bem como pede a Jesus Cristo que ajude os Doutrinadores no processo de persuasão e alívio dos espíritos sofredores de suas dores.

Após a invocação dessas energias, o dirigente do trabalho pede que se façam presentes os irmãos que necessitam de apoio, e assim começam a chegar espíritos sem luz nos sete Aparás sentados à mesa.

Esse trabalho espiritual acontece num período de 15 a 30 minutos. Ao encerrar esse tempo, o líder do trabalho pede para que os médiuns Aparás saiam da sintonia de incorporação, abram os olhos, e não dêem mais passagem a mais espíritos sofredores. Após a verificação de que todos os Aparás estão desincorporados, os Doutrinadores lhes aplicam o chamado passe magnético, o que os alivia da tensão energética proporcionada pela conexão com espíritos com carga energética negativa. Acabado isso, o comandante do trabalho faz novamente a prece do pai nosso e agradece a todos pela participação dizendo que “Jesus os pague pela caridade prestada” (O DOUTRINADOR, 2010).

Durante a observação de uma sessão de *mesa evangélica* realizada no Templo Alon do Amanhecer de Campinas-SP, foi possível perceber como o tecido textual verbal e não-verbal (ou seja, multimodal), “costurado” conjuntamente naquele momento com o objetivo de persuadir o *outro* ali presente no corpo do médium, se organiza no que tange à sua construção de sentido a partir de construtos estruturadores da linguagem tal qual a figuratividade, bem como foi viável visualizar que a edificação desse discurso via figuras de linguagem contribui para a *intencionalidade* discursiva, sua *coesão*, *coerência*, *focalização*, *intertextualidade* e posição no que toca os *conhecimentos intersubjetivos e*

*compartilhados* que ajudam e validam o caráter do texto em sua edificação (KOCH, 2004).

Dessa forma, este trabalho busca contribuir, por meio da análise do que tange o movimento de construção cognitivo-discursivo de um dos discursos ritualísticos do Vale do Amanhecer, para uma melhor compreensão da sua cognição *situada*. Além disso, esta pesquisa também almeja tecer uma reflexão, através dos resultados encontrados a partir da averiguação do objeto textual escolhido, sobre a importância das âncoras de construção textual, que abraçam fatores sociocognitivos, perceptuais, contextuais (global e local), psicoafetivos, culturais, intersubjetivos etc. (MORATO, 2017) para o entendimento acerca da edificação, processamento e produção de textos verbais e não verbais.

## 2 Construtos teóricos escolhidos para a análise do *corpus*

A Linguística, ciência da linguagem surgida nos anos de 1916 através do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand Saussure, propiciou muitas reflexões científicas sobre os diversos aspectos da língua. Dentre um dessas facetas, está a questão do significado, que até os anos 1980 ficou submetido a um conceito advindo das teorias de cunho estruturalista. A investigação dessas correntes tomava-o como um reflexo direto do mundo realidade (FERRARI, 2011), sem explorar o sujeito e o oceano de motivações ao qual este está submerso socialmente (SALOMÃO, 2010), estando por isso submetida a certos princípios que tinham como finalidade afirmar a natureza verdadeira ou falsa de um item do mundo e a sua referência linguística.

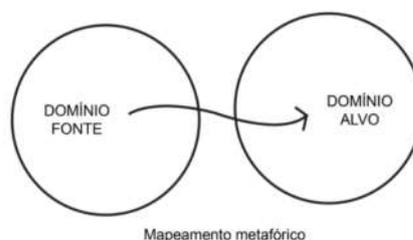
Como um movimento natural do trabalho científico, pesquisadores da chamada “virada cognitivista da linguagem” reagiram contra os pressupostos formalistas supracitados e deram à Linguística e ao mundo um novo olhar sobre a questão de como os significados de uma língua são constituídos (VEREZA, 2010). George Lakoff, Mark Johnson, Ronald Langacker, Charles Fillmore, entre outros, observaram que, a partir da averiguação de extratos linguísticos “não autênticos”, a profundidade no que tange a edificação de conceitos era muito mais intensa do que se pensava no gerativismo chomyskiano. Nessa ocasião, ao publicarem a obra *Metaphors We Live By* (1980), esses cientistas deram por início os trabalhos da então denominada Linguística Cognitiva/Semântica Cognitiva (SOARES DA SILVA; LEITE, 2015).

Em sua historicidade, como já dito, a Semântica Cognitiva nasce oficialmente através da publicação de sua obra pilar escrita por George Lakoff & Mark Johnson: *Metaphors We Live By* (Metáforas da Vida Cotidiana, em tradução brasileira de 2002). Ao ser publicada, esta chamou a atenção dos linguistas acerca da rede complexa que rege a relação entre linguagem, cognição e pensamento (FERRARI, 2011), postulando a chamada Teoria da Metáfora Conceptual como sua abordagem teórica de base. Para esses teóricos, os seres humanos compreendem o mundo por meio de metáforas (LOPES, 2015), e a nossa cognição é mediada pelas nossas experiências sensório-motoras e corporais no mundo. A Linguística Cognitiva, ao se posicionar como mais uma ramificação importante para o entendimento da linguagem, constitui-se e caracteriza-se, dessa maneira, por estudá-la como parte integrante da cognição e manifestação da organização

conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento mental e da experiência individual, social e cultural (SOARES DA SILVA & LEITE, 2015).

Esse processo de conceptualização e (re)conceptualização do mundo se dá a partir do que os teóricos Lakoff & Johnson (1980) chamam de projeção cognitiva entre domínio-fonte e domínio-alvo. O domínio-fonte seria a base primordial para a categorização das experiências, sendo as nossas vivências emocionais, culturais e cotidianas em lugares, eventos e demais espaços em sociedade, atividades que projetam sobre domínios mais abstratos da cognição a configuração de nossos conceitos. O domínio-alvo seria as cargas abstratas que nós queremos conceituar, como, por exemplo, a noção de tempo em relação ao dinheiro. Na sociedade ocidental, os falantes conceptualizam o conceito de tempo em noção de valor, o que se pode remeter ao conhecimento experiencial de finanças (SOUSA, 2016). O exemplo mais prototípico desta é uma frase usual dos brasileiros — “me poupe” ou “poupe meu tempo, por favor” —, o que remete à metaforicidade presente representada na Linguística Cognitiva como TEMPO É DINHEIRO.

**Figura 3** – Mapeamento metafórico entre domínio-fonte e domínio-alvo



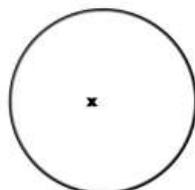
Fonte: De Almeida (2017).

Vale ressaltar que o domínio-fonte acima apresentado é estruturado por meio dos Esquemas Imagéticos (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987), que se constituem por meio dos padrões de nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação de objetos e das nossas interações perceptivas no mundo, sendo, nesse caso, base da corporificação da linguagem.

Postulando a *tese da mente corporificada*, Johnson (1987) afirma que o esquema de imagens é a forma central da estrutura conceitual dentro da concepção da Semântica Cognitiva. A ideia basilar é a de que, devido à experiência física dos indivíduos serem e agirem no mundo, ou seja, entrarem e saírem de lugares, terem contato com forças, moverem os seus respectivos corpos em viagens, estes organizam conceitos de alta complexidade por meio dessas vivências básicas. No *esquema de recipiente*, por exemplo, o ser humano projeta a sua própria experiência de estar fisicamente localizado em determinados lugares, como residências e carros, para falar de suas conceptualizações. Um exemplo disso é a frase dita por Simaria, da dupla sertaneja Simone & Simaria, em entrevista ao Fantástico, no ano de 2018. Estando ela doente, diz “eu não conseguia segurar o meu filho de dois anos porque eu não tinha força”. Nessa sentença, ela se entende como um recipiente, um CONTÊINER, pois o corpo dela não tinha algo que ela precisava ter para segurar o filho no braço, a saber, a força.

O esquema de *recipiente* pode ser imaginado como demonstra a figura a seguir:

**Figura 4** – Esquema imagético de *recipiente*



Fonte: Johnson (1987).

Além de trazer todos esses novos ângulos de pesquisa para a linguística, a Linguística Cognitiva também contribuiu para que a figuratividade — que antes dela era vista como um fenômeno puramente da ornamentação e estilística literária (SARDINHA, 2007) — fosse observada como um elemento básico do pensamento humano. A partir desse momento, figuras de linguagem como a metáfora, a metonímia, a ironia e os provérbios passam a ser vistas como elementos essenciais para a arquitetura da experiência humana.

Como a ciência, naturalmente, também questiona seus objetos e se evolui através dos seus desdobramentos. Muito se foi pra frente no que tange os estudos da figuratividade, pois, como já informado antes, todos os exemplos estudados pelos cognitivistas eram inventados. Além disso, esses estudiosos tratavam a língua como “arquivo do conhecimento”, pois só via em suas averiguações as metáforas conceptuais subjacentes, sem verificar a sua importância para a própria edificação e potencialização do discurso (VEREZA, 2007). Dessa forma, ao questionarem tais problemas, cientistas da cognição, como Gibbs (1997) e Kövecses (2005, 2015), se voltaram para o estudo da sociocognição e a cognição *situada* em detrimento da cognição individual, que, ao ser influenciada pelo cognitivismo clássico (KOCH & CUNHA-LIMA, 2011), reduziu a análise da metáfora a aspectos individuais, não percebendo o caráter do ser humano como ente social, emergido pelos fatores sociopolíticos, históricos, ideológicos, culturais e contextuais nela imbricados. Por isso, a partir desse novo enfoque, a metáfora passa a ser vista de uma nova maneira, ou seja, na *viragem social* da Linguística Cognitiva, reconfigura a noção de metáfora dizendo que: (i) a metáfora conceptual não é apenas um fenômeno do pensamento e da linguagem, mas também uma ferramenta da comunicação, sendo os discursos verbal, não-verbal e multimodal o seu lugar mais natural (por isso esse trabalho reporta também as reflexões de Avelar (2016) ao falar dos gestos de apontar e a inter-relação da fala com os gestos), estando agora ela presente intrinsecamente na edificação tanto do pensamento como no discurso; (ii) metáfora não implica mais, como já dito neste trabalho, numa abordagem psicoindividual e universal da experiência humana, mas sim neuropsicologicamente fundamentalmente, que deve dar lugar agora à metáfora conceptual culturalmente específica, ou seja, estruturada em contextos da atividade humana localizados, o que leva a sua pesquisa a também olhar a estrutura subjacente a essa localização social dos falantes; (iii) metáfora agora, bem como todos os outros constructos da figuratividade como metonímias, provérbios e ironias, têm de ser testados empiricamente baseados em métodos

quantitativos e multifatoriais avançados, a fim de que se alcance a completude no que tange o entendimento do processamento da linguagem figurativa (SOARES DA SILVA; LEITE, 2015).

Sabendo que é por meio da discursivização/textualização do mundo que o ser humano o emoldura, o conceptualiza e o categoriza (BENTES, 2017), a aliança do estudo da cognição precisa, além de estar atinente às predicções vindas das Ciências Sociais, estar conectado com os estudos textuais, a fim de que se haja completude na análise da estruturação, processamento e produção de tecidos textuais. Nesse sentido, este trabalho evoca também os estudos da Linguística Textual, especialmente as indagações de Koch (2002, 2004), bem como os de Marcuschi (2007, 2008), que entende essa corrente da linguagem como meio de pesquisa responsável pelo estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos reais de uso.

A Linguística Textual, como informa Bentes (2001), passou por duas fases que antecederam a sua fase de pesquisa atual: a fase das *análises transfrásticas* e a de *gramáticas de texto*. Na primeira, o texto era entendido como um produto acabado, terminado no co-texto. A expressão textual seria superior à sentença, a unidade linguística mais alta (KOCH, 2004). A sua importância se dava em seu coesivo e coerente, cabendo ao leitor decodificar as informações ali dispostas, sem colocar suas intenções, suas representações de contexto, ou seja, seu mundo. Já na fase das gramáticas de texto, impulsionada pelos estudos de Noam Chomsky e o seu gerativismo, os pesquisadores do texto acreditavam que existia uma competência textual semelhante à competência linguística chomyskiana, visto que todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de frases. Em outras palavras, qualquer falante é capaz de parafrasear e de perceber se o conteúdo textual está incompleto ou completo, por exemplo Koch (2004). Nessa fase, o texto continua sendo a unidade linguística mais alta, a qual, ao ser segmentado em unidades menores, demonstra a competência textual dos indivíduos. Esse período, no qual estando a LT ainda vinculada a um paradigma formal de linguagem que não compreende os sujeitos produtores de textos como entes submetidos a fatores sociocognitivos, culturais e contextuais, não se sustentou por muito tempo visto que os pesquisadores começaram a perceber o papel de aspectos sociais como contribuintes para a arquitetura da linguagem dentro, dando voz, portanto, ao que viria ser o avanço, ou virada da Linguística Textual para um paradigma mais completo no que se refere ao mar de motivações no qual estão os indivíduos submergidos quando há a interação, e, conseqüentemente, a textualização (BENTES, 2001).

Nesse sentido, a partir da virada sociocognitivo-interacionista dos estudos do texto, ou seja, a terceira e atual fase dos estudos textuais (BENTES, 2001), a concepção de mente desvinculada do corpo passa a não ser aceita, sendo a interação do mesmo com a cultura, com o contexto macro (a história da sociedade, por exemplo) e micro (o contexto situado de fala), com as crenças, com a psicoafetividade e com as vivências de mundo armazenadas na mente ativadas quando os indivíduos estão se movimentando, (re)categorizando e se comunicando com os outros nos espaços sociais, além da evocação de fatores de textualização, tais quais: a coesão (como os elementos linguísticos estão interconectados na superfície textual), a coerência (o encadeamento do assunto tratado com as representações do contexto emergidas no momento de uso), a

focalização (a concentração dos indivíduos, focalizando parte do seu conhecimento prévio, para interpretar um fato), o conhecimento compartilhado/intersubjetivo (os conhecimentos sociais comuns a todos os sujeitos, que mesmo dentro de “famílias ideológicas” díspares, conseguem identificar os outros como entes da mesma sociedade que eles) (KOCH, 2004) etc., não podem ser desconsiderados na averiguação textual, estando essas âncoras que perpassam desde o próprio contexto à zonas mais profundas que tocam as emoções, a subjetividade dos falantes, por exemplo (MORATO, 2017), como categorias intrínsecas e necessárias para o universo de diagnóstico da dinâmica textual.

Desse modo, será feita, na próxima seção, a análise do texto multimodal presente no ritual intitulado como *mesa evangélica* da doutrina espiritualista brasileira, Vale do Amanhecer, com o propósito de jogar luzes sobre as categorias que subjazem o processamento textual: categorias linguísticas, sociocognitivas, culturais, psicoafetivas, estruturadoras da cognição, da linguagem e do discurso tal qual a figuratividade, evidenciando através da averiguação proposta, o caráter *processual, situado* (KOCH, 2002, 2004) e *cognitivo-discursivo* (VEREZA 2007, 2010) da textualização.

### **3 Uma análise da construção cognitivo-discursiva de um texto ritualístico multimodal responsável pela libertação de espíritos**

Atualmente, após 40 anos de lançamento de *Metáforas da Vida Cotidiana* (1980 [2002]), pesquisadores interessados pelos estudos sociocognitivos e discursivos da linguagem, como a linguista Solange Vereza (2007), têm reclamado aos que se dedicam à área sobre a importância de se estudar o papel da figuratividade em *corpora* autênticos, textualmente realizados no uso, ou seja, *online*. Assim, segundo ela, será possível perceber o real papel das figuras de linguagem estabelecida na edificação do discurso. Por isso, ao tomar como importante a sinalização dessa cientista, para, além de verificar a função da figuratividade na edificação de sentido de um discurso ritualístico da Doutrina Espiritualista Vale do Amanhecer, refletir também sobre a ideia de que sua evocação para estruturação dessa expressão linguística é impulsionada para que a arquitetura do discurso via critérios de textualização tais quais a coesão e a coerência (KOCH, 2004) seja realizada de forma a criar um tecido textual fortemente articulado cognitivamente, tendo as categorias de constituição do texto: as intencionalidades, subjetividades, crenças, emoções, a cultura, os esquemas imagéticos e enquadres sociocognitivos (MORATO, 2017), por exemplo, sido firmemente costuradas nessa tessitura a fim de que o seu papel, o seu entendimento, o seu significado e o seu objetivo seja concatenado com sucesso.

Nesse intuito, a fim de fazer o levantamento da figuratividade presente no tecido textual escolhido e tecer as reflexões pretendidas, este trabalho utilizará o moderno método de identificação de metáforas, o MIP – *Metaphor Identification Procedure*, postulado pelo Pragglejaz Group (2007), que diz que, ao estar de frente com a textualidade, o pesquisador precisa:

1. Ler o texto inteiro para estabelecer um entendimento geral do significado.
2. Determinar as unidades lexicais no texto.
3. a. Para

cada unidade lexical no texto, estabelecer o seu significado no contexto, i.e. como ela se aplica a uma entidade, relação ou atributo na situação evocada pelo texto (significado contextual). Leve em consideração o que vem antes e depois da unidade lexical. b. Para cada unidade lexical determinar se ela tem um significado contemporâneo mais básico do que o significado em um dado contexto. Para os nossos propósitos, significado básico tende a ser: - mais concreto; o que ele evoca tende a ser mais fácil de imaginar, ser, ouvir e sentir. - relacionado à ação corpórea. - mais preciso (menos vago). - historicamente mais antigo (STEEN, 2007).

No que tange o discurso não verbal que também observaremos nesse plano de trabalho, trazemos em pauta as indagações de Avelar (2016), que percebe a relevância do papel dos gestos de apontar (tanto diretamente com o dedo, como simbolicamente com a mão aberta em direção a uma entidade no espaço) no que tange a intencionalidade discursiva. Segundo ela, a inter-relação entre a fala e o gesto exprime a configuração mental da estruturação do significado, estando dessa forma, também nos gestos, os reflexos dessa organização cognitiva.

Como já dito anteriormente na seção sobre o Vale do Amanhecer, o ritual da *mesa evangélica* é estruturado por 17 médiuns com a finalidade de ajudar os irmãos desencarnados que não aceitaram a sua partida desse mundo para o plano espiritual. Visto isso, o trabalho se edifica por meio do atendimento dessas entidades espirituais que estão em sofrimento por meio da doutrinação/conversa e a sua respectiva limpeza/alívio das dores que o espírito sente. Logo após isso, é feita a chamada elevação, ato no qual o ser é encaminhado para os cuidados de seres superiores que estão à sua espera para ajudá-lo a seguir o seu caminho em outros mundos (O DOCTRINADOR, 2010). A observação desse ritual em pleno acontecimento foi feita, com a devida autorização (oralmente) do seu presidente, Mestre Hudson Corrêa, no Templo Alon do Amanhecer, na cidade de Campinas, local onde esta pesquisa pôde ter acesso ao *corpus* a ser averiguado logo abaixo.

Indo primeiramente ao discurso verbal para depois ao não verbal, comecemos a análise dos tecidos textuais que compõem esse ritual:

Salve Deus! Louvado seja o nosso senhor Jesus Cristo! Salve Deus meu irmão, seja bem-vindo a este pronto socorro universal. Aproveite esta feliz oportunidade para compreender que já não faz parte deste plano físico, e que só através do amor e do perdão, encontrarás equilíbrio da tua mente e harmonia para o teu coração. Vamos pedir a Jesus, divino e amado Mestre, que neste momento ilumine o teu caminho e te receba de braços abertos em novos planos espirituais. Meu querido irmão, pedimos nessa oração que siga, siga, siga com Deus. Salve Deus! Oh Obatalá! Oh Obatalá! Entrego nesse instante, mais essa ovelha para o teu redio! (GALINKIN, 2008).

O texto em questão começa com uma saudação “Salve Deus! Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo”, a qual é tomada como primeiro movimento de recepção

da entidade espiritual que ali se achegou. Estando essa expressão “Louvado seja o nosso senhor Jesus Cristo” presente em outras tradições cristãs, tal como o catolicismo, essa marca linguística pode nos remeter tanto a uma certa *intertextualidade* (KOCH, 2004) discursiva como a *intersubjetividade*, pois, além de haver uma interconexão cultural e social entre o argumento da tradição e a sua ramificação, há também uma crença que remonta ao caráter psicoafetivo desse “aperto de mãos”: o Vale do Amanhecer acredita na força de Cristo e, por isso, conseqüentemente, coloca o seu nome na frase introdutória do texto de doutrinação para que este venha a ajudá-los na intencionalidade e no objetivo ali almejado: convencer o irmão sofredor de que ele precisa seguir um caminho de paz.

Após isso, o Doutrinador continua a falar: “Meu irmão, seja bem-vindo a este pronto socorro universal”. Nesse momento, podemos conferir a existência da metáfora conceptual DOCTRINA RELIGIOSA É UM PRONTO SOCORRO ao entendermos que os membros dessa doutrina compreendem que a casa espiritual a que eles fazem parte é um lugar de cura e de alívio de dores, o que remete à compreensão geral, ou *conhecimento compartilhado*, de que doenças se tratam em hospitais, justificando a projeção conceptual da noção-fonte de pronto socorro/emergência hospitalar para noção-alvo que tange o conceito do título da doutrina: Vale do Amanhecer. Nessa metáfora, também é possível perceber o aparecimento da *coesão*, *coerência* e a *intencionalidade* (KOCH, 2004), já que essa expressão textual ritualística visa a cura desobsessiva ou cura de dores/sofrimento do ser espiritual ali presente, o que faz os seus produtores (ou seja, os que estão dispostos a ajudar) construírem objetos do discurso (MONDADA & DUBOIS, 2003) que remetam a esse campo semântico para que se alcance o objetivo proposto (o reestabelecimento energético do espírito).

Depois disso, o médium responsável pela doutrina pela entidade sofredora profere: “Aproveite esta feliz oportunidade para compreender que já não faz parte deste plano físico, e que só através do amor e do perdão, encontrarás equilíbrio da tua mente e harmonia para o teu coração”. Nesse momento, também notamos, novamente, a presença da figuratividade articulando a edificação do sentido textual. Estando o irmão sofredor num pronto-socorro universal (o Vale do Amanhecer), o qual os membros dessa cultura religiosa conceptualizam como lugar propício para o tratamento desses espíritos que estão imersos no ódio, na dor e no sofrimento, o médium que se propõe a cura, ao tentar conscientizá-lo, informa-lhe de que ele não faz mais parte de plano físico, ou seja, agora essa entidade espiritual está em outro mundo. Sendo assim, ele precisa compreender a sua nova condição, o que nos faz crer que a metáfora MORTE É UMA PASSAGEM e A VIDA É UMA VIAGEM promoveu a construção cognitivo-discursiva dessa expressão. No que tange aos indutos que podem tornar a transformação espiritual possível, os Doutrinadores remetem ao amor e ao perdão, conceptualizando-os como remédios para que se haja “alívio da mente e do coração”. Nesse sentido, também encontramos as metáforas O AMOR É REMÉDIO e O PERDÃO É REMÉDIO potencialmente tecidas no texto para que o efeito discursivo seja alcançado. Também foi possível encontrar, no que toca o corpo como um lugar, que, além de ser capaz de receber um outro ser (no caso do médium incorporado), bem como caracterizando-se ele pela existência dos órgãos vitais coração, e cérebro/mente, a metáfora conceptual CORPO É UM RECIPIENTE proporciona, ao ser tecida através da expressão linguística retirada do texto, a coesão, a coerência, e a focalização no texto. Em tempo, é

verificável a presença da metáfora ESPÍRITOS SÃO SUBSTÂNCIAS, ao entendermos que sendo um corpo um recipiente, e ele, para além de ter a capacidade de obter dentro dele órgãos vitais, nesse contexto religioso, o mesmo também é caracterizado pela possibilidade de receber espíritos de outros seres humanos, o que revela o papel da metáfora ESPÍRITOS SÃO SUBSTÂNCIAS contribuindo para a construção de sentido dessa expressão textual religiosa.

Prosseguindo com a sua dinâmica de persuasão, o médium Doutrinador executa seu enunciado verbalizando: “Vamos pedir a Jesus, divino e amado Mestre, que neste momento ilumine o teu caminho e te receba de braços abertos em novos planos espirituais”. Nessa expressão comunicativa, o locutor diz que a entidade espiritual presente precisa seguir um caminho de luz para que este chegue a outros mundos espirituais onde haverá de encontrar entidades superiores que a acolham. Verificando tal articulação, foi possível levantar a figuratividade metafórica também enquadrando novos laços textuais, no que tange o *conhecimento compartilhado* (KOCH, 2004) de que a luz elétrica traz ajuda na atenção e focalização de um determinado norte, a saber, a estrada para que se chegue a um plano espiritual superior. Visto isso, encontramos a figuratividade potencialmente tecida pelas metáforas já citadas A VIDA É UMA VIAGEM e A MORTE É UMA PASSAGEM, bem como as metáforas JESUS É A LUZ, e conseqüentemente, A LUZ É UM CAMINHO para que se chegue as boas esferas espirituais.

Vale ressaltar que a metáfora A LUZ É UM CAMINHO continua ajudando na edificação desse texto, pois, no próximo extrato linguístico a ser dito pelo Doutrinador, ele pede para que o irmão siga o caminho de luz para que assim se acheque a positivas esferas espirituais: “Meu querido irmão, pedimos nessa oração que siga, siga, siga com Deus”. Além disso, nota-se também a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM contribuindo cognitivo-discursivamente para a construção, processamento e intencionalidade desse texto. Em tempo, identificamos que a ideia do Deus assistencial e ajudador — o que ajuda na travessia, na transformação espiritual, no alívio das dores, na cura do ódio e do sofrimento — está conceptualizada na frase “siga com Deus”, figurando, dessa maneira, a metáfora DEUS É UM AUXILIADOR, também atuando na edificação do tecido textual ritualístico.

Finalizando o seu discurso, e aproximando-se o momento de libertação e elevação dos espíritos presentes na *mesa evangélica*, os Doutrinadores dizem: “Oh Obatalá! Oh Obatalá! Entrego nesse instante, mais essa ovelha para o teu redio!”. Nesse momento, os membros dessa doutrina eclodem uma *intertextualidade* (KOCH, 2004), pois como é de conhecimento, a entidade espiritual Obatalá é uma representação da religiosidade africana de um orixá responsável pela passagem dos espíritos de um mundo para outro — Oxalá —, tendo ele a força necessária para o processamento dessa realização (OKANBI, 2010). Por isso, a doutrina espiritualista brasileira Vale do Amanhecer também se caracteriza como sincrética, por abraçar a mitologia cristã, em sua configuração geral, mas também a africana — especificadamente do candomblé — e da cultura religiosa indígena. Identificado esse critério de textualização dando aporte ao pilar de sua constituição, visualizamos, logo após isso, a existência da figuratividade intermediando do mesmo modo essa edificação por meio da metáfora conceptual cognitivo-discursivamente tecida através da expressão *situada* e em *uso* proferida no momento do ritual religioso estudado neste trabalho SER HUMANO É UM ANIMAL: “Entrego nesse instante, mais essa ovelha para o teu redio!”.

**Figura 5** – Ilustração do momento de elevação de espírito sofredor na Mesa evangélica



Fonte: Médium Mário Kleber, do Templo do Amanhecer de Palmas-TO.

No que diz respeito ao discurso não verbal, o qual falamos anteriormente que se realiza conjuntamente a toda esta verbalização empiricamente analisada, é necessário dizer que o gesto que os membros do Vale do Amanhecer chamam de “limpeza” é executado com as mãos abertas em direção ao *outro* incorporado no corpo do Apará em um circuito circular: o movimento começa com as mãos do Doutrinador posicionadas junto ao seu corpo para baixo, e se abre ao se direcionar à cabeça do médium que está incorporado com um *outro*. Nesse local, no qual se considera existir por essa doutrina espiritualista a áurea do espírito que está em tratamento, essa ação gestual é feita inter-relacionada juntamente com a fala aqui supracitada e averiguada e, a cada circuito circular realizado, é feito um estalo nas costas do médium Doutrinador.

Esta ação de “descarga” da energia negativa impregnada no espírito sofredor, captada na pela higienização é feita pelas mãos indivíduo responsável pela doutrina que ao estalar os dedos em suas costas, distribui a má energia para o universo. Vale ressaltar que, durante todo esse tempo (ao receber a entidade e ao esperar o outro médium conversar com ele), o Apará mantém-se de mãos fechadas em cima da *mesa evangélica*, pois há o perigo da sua raiva levá-lo a machucar alguém. A elevação do mesmo se dá, como visto anteriormente, com a averiguação da expressão linguística “Oh, Obatalá, Oh, Obatalá, entrego neste instante mais esta ovelha para o teu redio”. Neste instante, o gesto proferido tange o levantamento das duas mãos abertas do Doutrinador em direção ao céu (já que o intuito é para ela vá a planos iluminados), como pode-se ver na Figura 5, fazendo o médium Apará também levantar as mãos, como se estivesse soltando algo que estava preso: o sinal, para os Doutrinadores, de que o Apará está com as mãos abertas e levantadas significa para eles que o espírito seguiu seu caminho. Se ele não abrir as mãos e colocá-la novamente fechada diante da mesa, significa que o espírito ainda não aceitou sua condição e ali preferiu ficar, o que, obrigatoriamente, necessita a presença de outro Doutrinador, com uma carga energética diferente, para tentar promover a sua libertação (O DOUtrinADOR, 2010).

Observando tal fato, podemos concluir a importância do que Avelar (2016), ao estudar a metafóricidade agindo cognitivo-discursivamente através da inter-relação da fala e o gesto, traduz como complexa arquitetura cognitiva do significado textual, e conseqüentemente, da própria linguagem. Desse modo, é

possível afirmar que há outra metáfora, talvez mais indireta, por emergir pelo movimento de interconexão entre a fala e o gesto na edificação desse texto ritualístico particular e *situado* proferido na doutrina espiritualista Vale do Amanhecer quando se recebe na *mesa evangélica* as entidades que necessitam de auxílio espiritual: ESPÍRITOS SOFREDORES SÃO SUBSTÂNCIAS IMPURAS. O uso dessa metáfora para a construção cognitivo-discursivo desse tecido textual pode ser evidenciado, pois, ao chegarem nos corpos dos Aparás, os espíritos, por estarem recheados de ódio, raiva e dor (sensações concebidas como negativas no espiritualismo) precisam ser higienizados e aliviados dessas energias consideradas impuras através do gesto circular detalhado anteriormente, sendo os Doutrinadores responsáveis por essa limpeza que disponibiliza a esses sujeitos a condição necessária para a sua elevação para outros planos espirituais.

Toda essa averiguação, empiricamente testada, disponibiliza, tanto à Linguística Textual quanto a Linguística Cognitiva uma contribuição no que diz respeito à importância do entrelace dos seus estudos, mostrando, como evidenciado anteriormente, que a construção humana do mundo e a consequente (re)categorização e discursivização do mesmo perpassam por inúmeros e complexos processamentos de fatores sociais, corporais e neuropsicolinguísticos a fim de que se chegue ao resultado: a produção fala, assim como aspectos multimodais que concernem juntamente a ela para a construção do significado, tal qual os gestos.

### Considerações finais

Ao fazer esse *check-up* diagnóstico no texto multimodal (verbal e não verbal) presente no ritual de mesa evangélica da doutrina espiritualista brasileira Vale do Amanhecer, foi possível constatar, utilizando os modernos aportes teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva (LAKOFF & JOHNSON, 1980; MORATO, 2017; entre outros) e da Linguística Textual (KOCH, 2002, 2004; BENTES, 2001, 2017; entre outros), que o uso de enquadres psíquicos e cognitivos motivados por experiências sociais, culturais/rituais sociais, de crença, de contexto (contexto geral e situado), de percepção, psicoafetivos/emocionais são essenciais para a construção, processamento, produção e constituição de sentido, assim como também evidenciamos a importância dos diagnósticos textuais não eliminarem de suas pesquisas tais características estruturadoras da linguagem humana.

Em tempo, ao jogar luzes sobre como os aspectos supracitados modelam o tecido textual estudado, também iluminamos a noção de como a figuratividade, ao ser um fenômeno intrínseco na arquitetura da linguagem, promove o aparecimento dos critérios de textualização que, segundo Koch (2004) dão validade ao estatuto textual, a saber: a coesão, coerência, focalização, intertextualidade e conhecimento compartilhado.

A figuratividade, mais especificadamente, a metaforicidade, entendida como construto textual, foi encontrada nas marcas textuais analisadas através do aparecimento de diversas metáforas conceptuais subjacentes, a saber: DOUTRINA RELIGIOSA É UM PRONTO SOCORRO, JESUS É A LUZ, A LUZ É UM CAMINHO, DEUS É UM AUXILIADOR, AMOR É UM REMÉDIO, PERDÃO É UM REMÉDIO, CORPO É UM RECIPIENTE, ESPÍRITOS SÃO SUBSTÂNCIAS e ESPÍRITOS SOFREDORES SÃO SUBSTÂNCIAS IMPURAS. O

levantamento empírico dessas metáforas mostra além da sua existência, a importância cognitivo-discursiva para o discurso, potencializando, como afirma Vereza (2007, 2010, 2013) a argumentação e a intencionalidade pretendida.

O texto, como elemento que evidencia a inserção sociocognitiva dos seres humanos no mundo, bem como a criação da existência de uma determinada realidade e a sua conseqüente apresentação aos outros (MORATO, 2017), considera, por fim, que a prática religiosa espiritualista da Doutrina Vale do Amanhecer cria um novo universo textual, tendo tentado este trabalho, por meio dos resultados obtidos, interpretar e jogar luzes sobre essa profunda edificação que permeia aspectos sociocognitivos, corporais, emocionais e intencionais (no que tange especialmente, as perguntas do homem sobre sua própria natureza) etc.

Crescendo a vontade do homem de se comunicar com a espiritualidade por meio das buscas de ações religiosas, bem como ao estar, por conseqüência disso o espiritualismo em crescimento e desenvolvimento no mundo, estudar os rituais de templos espiritualistas como os do *Vale do Amanhecer*, que tem mais de 800 templos em todo o território brasileiro e até fora do país, é de suma relevância para que seja possível compreender como se arquetam e se processam as atividades socioculturais *situadas* humanas.

---

## Referências

---

- ABBADE, Celina. Metáforas da (re)encarnação no livro segundo: Mundo Espírita ou dos Espíritos d'O livro dos Espíritos. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela (Org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016.
- AVELAR, M. O papel dos gestos de apontar na construção da dêixis multimodal: dos usos concretos aos usos abstratos. *Revista Linguística*, v. 1, n. 12, 2016, p. 161-176.
- BENTES, A. C. (2001). *Linguística textual*. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora.
- BENTES, A. C. Linguística Textual e Sociolinguística. *Linguística Textual - Interfaces e elimitações - Homenagem a IngedoreGrünfeld Villaça Koch*. (Orgs. Edson Rosa Francisco De Souza, Eduardo Penhavel, Marcos Rogério Cintra) São Paulo, Cortez Editora. p. 258-301, 2017.
- BELOTTI, Karina Kosick. Mídia, Religião e História Cultural. *Revista de Estudos da Religião* Nº 4. São Paulo, 2004, pp. 96-115.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- DE ALMEIDA, Rodrigo. (2017). O uso de metáforas e metonímias por pacientes esquizofrênicos à luz da Teoria da Metáfora Conceptual. *Ciências e Cognição*. 22. 63-92.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GALINKIN, Ana Lúcia. *A Cura no Vale do Amanhecer*. Brasília: TechnoPolitik, 2008, 152 pp.
- GIBBS, Raymond. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: GIBBS, Raymond; STEEN, Gerard. *Metaphor in Cognitive Linguistics: selected papers from the 5th International Cognitive Linguistics Conference, Amsterdam, 1997*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 145-159

GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Thesis (PhD. in Linguistics) University of California, Berkeley, 1997.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KOCH, I. G. V. (2004). *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez Editora.

KOCH, I. G. V., CUNHA-LIMA, M. L. A. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (Orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KÖVECSSES, Zoltan. *Where Metaphors Come From: reconsidering context in metaphor*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2015.

KÖVECSSES, Zoltan. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what Categories Reveal About the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002[1980].

\_\_\_\_\_. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LEME, Helena. *Indeterminação e metáforas no discurso religioso*. Orientador: Mara Sophia Zanotto. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontífice Universidade Católica – SP, 2003.

LOPES, Braulio. (2015). Metáforas Divinas: a conceptualização metafórica de deus no discurso religioso evangélico. *Anais. V CONGRESSO INTERNACIONAL DA METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO*. Disponível em: Acesso em: 10/06/2017.

MARCUSCHI, L.A. (2001). Atos de referenciação na interação face-a-face. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, (41): 37-54.

MARCUSCHI, Luiz A. (2007). *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna.

MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, E. F. M. *O percurso sociocognitivo das recategorizações metafóricas: construção de sentidos na retórica neopentecostal*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Orientadora: Profª Drª Edwiges Maria Morato. Universidade Estadual de Campinas, 2011.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E. M. Linguística Textual e Cognição. *Linguística Textual - Interfaces e delimitações - Homenagem a IngedoreGrünfeld Villaça Koch*. (Orgs. Edson Rosa Francisco De Souza, Eduardo Penhavel, Marcos Rogério Cintra) São Paulo, Cortez Editora. p. 394-430, 2017.

KÖVECSSES, Zoltan. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005.

- MESA EVANGÉLICA, 2010. Vale do Amanhecer de Porto. Disponível em: <<http://valedoamanhecerporto.blogspot.com/2010/10/mesa-evangelica.html>>. Acesso em: jul. 2019.
- O DOUTRINADOR. 2010. Mesa Evangélica. *Vale do Amanhecer de Porto, Portugal*. Disponível em: <<http://valedoamanhecerporto.blogspot.com/>>. Acesso em: jul. 2019.
- OKANBI, Omo. 2010. Oxalá - Obatalá. *Centro de Terapias Alternativas Anastácia*. Disponível em: <<https://centroanastacia.com/index.php/categorias-textos/orichas/429-oxala-obatala>>. Acesso em: jul. 2019.
- SANTO, Bruno de Jesus Espírito; PEREIRA, Norma Suely da Silva. A metáfora e as práticas religiosas: a conceptualização da alma em um testamento do século XVII. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 361-378, 2018.
- SALOMÃO, M. 2010. Entrevista com Margarida Salomão. In: *Revista Investigações*, vol. 23, n. 2.
- SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- SOARES DA SILVA, A.; LEITE, J. E. R. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: Fundamentos, problemas e novos rumos. *Revista Investigações*, Recife, v. 28, n. 2, p. 1-23, jul. 2015.
- SOUSA, Ada Lima Ferreira de. Metáfora: uma abordagem neurocognitiva. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela (Org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016.
- SIMARIA fala sobre doença que a afastou dos palcos. *Fantástico*, São Paulo, 21 mai. 2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6766165/>>. Acesso em: 9 ago. 2018.
- STEEN, G. *Finding Metaphor in Grammar and Usage*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.
- VEREZA, Solange. "Metáfora é que nem...": cognição e discurso na metáfora situada. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, 2013b, p. 2-21.
- VEREZA, Solange Coelho. *Metáfora e argumentação*: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.
- VEREZA, S. C. *O lócus da metáfora*: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 199-212, 2010.
- WULFHORST, Ingo (org.). *Espiritualismo/espiritismo*: desafios para a igreja na América Latina. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

---

## Para citar este artigo

---

SANTO, Bruno de Jesus Espírito. Cognição e espiritualidade: o papel da figuratividade em um texto ritualístico de doutrinação de espíritos sofredores. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 448-467, maio-ago. 2019.

---

## O autor

---

**Bruno de Jesus Espírito Santo** é mestrando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, pesquisa "Metáforas de morte em textos de fundação do Espiritismo (francês e brasileiro)". É graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (2017), onde em seu percurso na graduação,

constitui-se como coordenador voluntário de viagens do Centro Acadêmico do Instituto de Letras da supracitada instituição, organizando de 2016, delegações estudantis para diversos eventos no país. Além disso, fez monitoria voluntária no componente curricular "Introdução a Língua Latina" (2015) e monitoria com bolsa na disciplina "Introdução aos Estudos da Língua Portuguesa" (2016-2017). Participou também do projeto de extensão coordenado pelo Professor Dr. Gilson Magno "A amizade na antiguidade clássica" (2016), e por apreciar os estudos da Semântica, esteve presente nas reuniões do GESCOG - Grupo de Estudo em Semântica Cognitiva, onde, a partir de suas leituras, construiu seu primeiro trabalho científico que, ao ser contemplado no Edital Participar/UFBA 2016, foi apresentado em congresso da área de discurso na Universidade de Porto - Portugal. Foi bolsista de Iniciação Científica do Programa Permanecer/PROAE com a pesquisa: "Estudo do léxico e das práticas culturais da sociedade colonial baiana em documentos notariais manuscritos datados entre os séculos XVI a XVII" (2017-2018), as investigações do plano de trabalho em questão se deram através de leituras orientadas pela Filologia Textual e a Semântica Cognitiva. Seu principal interesse é pelos estudos em Linguística Cognitiva e Discurso Religioso (em especial, o discurso Espírita), dedicando-se a perceber como os contatos do homem com a espiritualidade impactam o seu sistema conceptual, e por consequência, os seus usos linguísticos e práticas sociais. É representante discente da Comissão Geral de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem na Unicamp e integra o grupo de pesquisa COGITES (Cognição, Interação e Significação) liderado pela Profa. Dra. Edwiges Maria Morato.